

E QUEM NOS PROTEGE DELA????



Acompanhado de importante mensagem de cidadania, um certo anúncio publicitário de sabonete nos decepciona, por fazer contrastar a produção esmerada para TV, belas imagens, tema contemporâneo, com a desleixada frase final: *Ela protege o mundo e eu protejo ela.*

E o lamentável é que essa frase é dita pela mamãe protetora da garotinha engajada na nobre missão de proteger o ambiente de tantas agressões que recebe. Pena que tenha faltado a essa mãe investir na proteção ao futuro dessa menina, no que diz respeito ao patrimônio (dela e de nós todos) que é a língua pátria.

“Protejo ela” é construção não abonada pela língua padrão. É forma da variante vulgar, própria da língua oral coloquial. Por mais que se justifique que o anúncio procura parecer “espontâneo”, “natural” (?), imitando essa variante do português, ele está prestando um desserviço, ao reforçar uma construção que não terá espaço na fala do brasileiro em ambiente profissional.

A língua coloquial, essa tal variante popular, todos “dominam” com considerável facilidade; afinal, é ela que se ouve e aprende nas ruas, é ela que se fala entre amigos e familiares. O que temos de aprender, para nos servir de ferramenta hábil no desempenho da maioria de nossas manifestações em público e atividades profissionais é outra variante, aquela que a escola e os professores de português suam para firmar nos usos dos falantes.

As línguas têm essas diferenças de uso: construções e palavras que são adequadas a uma situação não são necessariamente adequadas a outras. Vamos pensar numa inversão de ordem. Imaginemos um advogado, um engenheiro ou um tecnólogo dono de uma propriedade rural dizendo às pessoas que, nela, cuidam do plantio:

É mister que Vossas Senhorias não procrastinem a sega, porquanto o momento semental já se apropinqua.

Calcularam o susto dessas pessoas? O sujeito empregou um português correto, culto, mas absolutamente inadequado à situação e aos interlocutores. É a anticomunicação, pois não há entendimento da frase nem a reação que dela se esperaria.

Da mesma forma, quando a situação exige o emprego das formas da língua culta, escrita ou oral, a opção por outra variante causa estragos. Podemos imaginar o prejuízo ao falante que, apresentando a empresa a um cliente, assim se expresse:

Ce pode tá certo que os produto dos concorrente da gente é tudo pior, quem compra eles, devolve, que eles tem menas qualidade que os nosso.

Quem não tem qualidade é o falante! Sua fala cheia de incorreções não desperta confiança! E esse é um juízo que respinga na empresa que o empregado representa.

Mas, voltemos ao anúncio de sabonete. Por que dizer "protejo ela" não é adequado à norma padrão?

ELE(S) e ELA(S) são palavras (pronomes) que representam na fala e na escrita AQUELE(A)(S) ou AQUILO de que se fala; mas esses termos só podem ser empregados como sujeitos de oração. Se estiverem exercendo função de objeto na frase, devem ocorrer mudanças. Quais são essas mudanças?

- 1) Se a função for de **OBJETO INDIRETO**, esses pronomes serão precedidos de uma preposição (A ELE, PARA ELES) ou darão lugar a LHE(S):

Atendi esse cliente ontem; hoje devo levar **A ELE** nossa proposta de negócio.
Atendi esse cliente ontem; hoje devo levar **LHE** nossa proposta de negócio.

A Sr^a Souza exige as faturas sejam entregues **A ELA**.
A Sr^a Souza exige que as faturas **LHE** sejam entregues.

- 2) se a função for de **OBJETO DIRETO**, esses pronomes dão lugar a O(S) e A(S).

Ainda não temos **a mercadoria** solicitada. Assim, ainda não **A** expedimos.

O cliente exige **o documento** assinado por você, por isso eu já **O** deixei sobre sua mesa.

Uma observação mais: se os pronomes O(S) e A(S) forem empregados depois de um verbo terminado em R ou Z (p.ex.: mandar, pedir, fez, diz etc.), as consoantes R e Z desaparecem e os pronomes passam a ser LO(S) e LA(S)¹. Vejamos como isso funciona:

¹ Essas são as formas arcaicas dos atuais pronomes O(S) e A(S) e subsistem em outras línguas, p.ex., no espanhol (*hacerlo, buscarla*).

Devem mandar as notas fiscais; mas dizem que podem **mandá-las** somente depois que fizermos o pagamento.

Finalmente, o anúncio de sabonete. O que deveria ter dito a zelosa mãe, para que a filha não aprendesse com ela o pior português??? Simples e claro, em duas opções:

Ela protege o mundo e eu **protejo-a**.

Ela protege o mundo e eu **a protejo**.

Aí, sim, a mamãe seria uma genuína protetora da filha, contra vários problemas, presentes e futuros.

Observação final: antes que concluíssemos este texto, a agência de publicidade responsável pelo anúncio (por certo alertada do problema linguístico) alterou o texto. A mãe passou a dizer: “A CAROL PROTEGE O MUNDO E EU PROTEJO A CAROL”. Melhor assim!

Profª Drª Eliana Magrini Fochi